

O POVO E A PRAIA

RUBEM BRAGA

«**A BAIXO a corja do surfi!**» Suspeito que foi o sr. Carlos Lacerda quem escreveu isso, com tinta preta, no muro do Arpoador. Diz o pessoal da praia que não, que aquilo é uma brincadeira que há muito tempo foi feita por um gaiato qualquer. Mas que o sr. Lacerda está contra o surfi, está.

Escrevo em um glorioso sábado de sol, 27 de janeiro, ao chegar da praia. Como estou em pleno programa de saúde, resolvi fazer hoje a mesma caminhada de ontem: ir à praia pela Teixeira de Melo, e dali, pela areia, caminhar até as pedras do Arpoador, onde sempre encontro duas ou três amigas para bater um pcpo. Pois fui; mas quando cheguei à altura daquela escadinha que tem logo para lá de Francisco Otaviano vi que dali em diante a praia estava totalmente deserta. Olhei para cima, para a rua, e vi que um soldado do Exército, fuzil a tiracolo, impedia o trânsito de veículos e pedestres. O comando do Forte interditara aquele trecho de rua e de praia, exatamente o único pedaço de mar de Ipanema próprio para o surfi!

Na volta para casa comprei um jornal e li a manchete: «I Exército de prontidão por 72 horas». O texto dizia que o I Exército entrou em prontidão às 4 da tarde de ontem, sexta-feira, e assim ficará por 72 horas, isto é, até a tarde de segunda-feira, 29. O comandante do Forte de Copacabana, homem zeloso, resolvera, por isso, interditar o mar aos surfistas, e minhas amigas a mim, pois não houve como achá-las entre aquela multidão de barracas e biquínis do Castelinho.

Como ando um tanto por fora do noticiário político-militar (o que faz parte de meu programa de saúde), procurei saber o que estava acontecendo. Seria a nova guerra da Coréia? Não; foi-me explicado que tudo é porque, na noite deste sábado em que escrevo, o sr. Lacerda vai fazer um discurso como paranimfo de uma turma de economistas em S. Paulo!

Não sou muito fã da oratória do sr. Lacerda, embora reconheça que ela é eficiente; apenas ocorre que ela me parece fraca do ponto-de-vista literário, e eu sou um literato. Dizem que assim, no grito, ele já derrubou três presidentes; ao que, aliás, o finado marechal Castello Branco teve o cuidado de aduzir: é, três presidentes paisanos...

O presidente que temos hoje não é paisano, mas não parece admirar muito a oratória do Lacerda; Exército, Marinha e Aeronáutica estão de prontidão no Rio e parece que também em S. Paulo. Confesso, aliás, que isso não me importa muito, a não ser pelo Arpoador: eu gostaria tanto de ficar esticado ao sol conversando coisas vagas com a Marília, a Maria Helena e, se não fôsse pedir demais, a Marisa!

Lamento também pela admirável «corja» do surfi, que dá uma certa inveja a este cinquentão, mas alegra sua vista, ao avançar, no alto de suas pranchas, pelo cimo das ondas, entre a espuma e o azul. Que fazer? Não tenho, lamento muito, nenhuma solução para a nossa crise política, nenhuma receita para assegurar a convivência pacífica da tal Frente Ampla e da tal Revolução que o sr. Lacerda ajudou a fazer e agora diz que não é a dos seus sonhos. A dos seus sonhos eu sei qual é; e sei tão bem que até adivinho o nome do único presidente que ele gostaria de ver nesta República. Mas não interessa. A tímida sugestão que tenho a fazer no momento é esta: se o sr. Lacerda tem mesmo de orar, e se isso perturba tanto, por que não lhe pedir, ao menos, que faça seus discursos pelo meio da semana? Assim nós, os inocentes do Arpoador, teremos a temer somente, para estragar os nossos sábados e domingos, as chuvas e os trovões do Senhor, com S grande, e não também os relâmpagos e trovoadas de sua (com s pequeno) torrencial oratória.

Em suma: já vi muita contusão neste país; mas nada, nem mesmo a morte do sr. Getúlio, atrapalhou a nossa honrada praia; era um território sagrado, democrático e livre, e a única alegria de graça que restava ao povo. Será que isso também vai acabar?